



Universidade da Amazônia

Décadas da Ásia

de João de Barros

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Décadas da Ásia

de João de Barros

CAPÍTULO I

Como el-rei dom Manuel, no segundo ano do seu reinado, mandou Vasco da Gama com quatro velas ao descobrimento da Índia.

Falecido el-rei dom João, sem legítimo filho que o sucedesse no reino, foi alevantado por rei (segundo ele deixará o seu testamento) o duque de Beja, dom Manuel, seu primo co-irmão, filho do infante dom Fernando, irmão de el-rei dom Afonso; a quem por legítima sucessão era devida esta real herança, da qual recebeu posse pelo cetro dela, que lhe foi entregue em Alcácer do Sal, a vinte e sete dias de Outubro do ano de nossa redenção de mil quatro centos e noventa e cinco; sendo em idade de vinte e seis anos, quatro meses e vinte e cinco dias (como mui particularmente escrevemos em outra nossa parte intitulada Europa, e ali em sua própria crônica).

E porque, com estes reinos e senhorios, também herdava o prosseguimento de tão alta empresa como seus antecessores tinham tomado, que era o descobrimento do oriente por esse nosso mar oceano, que tanta indústria, tanto trabalho, e despesa, por discurso de setenta e cinco anos tinha custado, quis logo, no primeiro ano de seu reinado, mostrar quanto desejo tinha de acrescentar à coroa deste reino novos títulos sobre o senhorio de Guiné, que, por razão deste descobrimento, el-rei dom Joan, seu primo, tomou, como posse da esperança de outros maiores estados que por esta via estavam por descobrir. Sobre o qual caso, no ano seguinte de noventa e seis, estando em Montemor-o-Novo, teve alguns gerais conselhos: em que houve muitos e diferentes votos, os mais foram que a Índia não se devia descobrir. Por que, além de trazer consigo muitas obrigações por ser estado mui remoto para poder conquistar e conservar, debilitaria tanto as forças do reino que ficaria ele sem as necessárias para sua conservação. Quando mais que sendo descoberta, podia cobrar este reino novos competidores, do qual caso já tinham experiência, no que se moveu entre el-rei dom Joan e el-rei dom Fernando de Castella, sobre o descobrimento das Antilhas, chegando a tanto, que vieram repartir o mundo em duas partes iguais para o poder descobrir e conquistar. E pois desejo de estados não sabidos, movia já esta repartição, não tendo mais ante os olhos que esperança deles e algumas amostras do que se tirava do bárbaro Guiné, que seria vindo a este reino quanto se dizia daquelas partes orientais.

Porém, a estas razões houve outras em contrário, que, por serem conformes ao desejo de el-rei, lhe foram mais aceites. E as principais que o moveram, foram herdar esta obrigação com a herança do reino, e o infante dom Fernando, seu pai ter trabalhado neste descobrimento, quando por seu mandado se descobriu às ilhas de Cabo Verde, e mais por singular afeição que tinha à memória das cousas do infante dom Henrique, seu tio, que fora o autor do novo título do senhorio de Guiné que este reino houve, sendo propriedade mui proveitosa sem custo de armas e outras despesas que têm muito menores estados do que ele era. Dando por razão final, aqueles que punham os inconvenientes a se a Índia descobrir, que Deus, em cujas mãos ele punha este caso, daria os meios que convinham à bem do estado do reino.

Finalmente el-rei assentou de prosseguir neste descobrimento, e depois, estando em Estremoz, declarou a Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, por capitão

mor das velas que havia de mandar a ele, assim pela confiança que tinha de sua pessoa como por ter ação nesta ida, cá, segundo se dizia, estavam da Gama, seu pai já defunto, estava ordenado para fazer esta viagem em vida de el-rei dom Joan.O qual, depois que Bartolomeu Dias veio do descobrimento do cabo da Boa Esperança, tinha mandado cortar a madeira para os navios desta viagem, por a qual razão el-rei dom Manuel mandou ao mesmo Bartolomeu Dias que tivesse cuidado de os mandar acabar segundo ele sabia que convinha, para sofrer a fúria dos mares daquele grão cabo de Boa Esperança, que na opinião dos mareantes começava criar outra fábula de perigos, como antigamente fora a do cabo Bojador, de que no princípio falamos.E assim, pelo trabalho de Bartolomeu Dias levou ao apercebimento destes navios como para ir acompanhado Vasco da Gama até o por na paragem que lhe era necessária a sua derrota, el-rei lhe deu a capitania de um dos navios que ordinariamente iam à cidade de São Jorge da Mina.

E sendo já no ano de quatrocentos noventa e sete, em que a frota para esta viagem estava de todo prestes, mandou el-rei, estando em Montemor-o-Novo, chamar Vasco da Gama e aos outros capitães que haviam de ir a sua companhia, os quais eram Paulo da Gama, seu irmão, e Nicolau Coelho, ambos pessoas de quem el-rei confiava este cargo.E posto que por algumas vezes lhe tivesse dito sua atenção acerca desta viagem, e disso lhe tinha mandado fazer sua instrução, pela novidade da empresa que levava, quis usar com ele da solenidade que convém a tais casos, fazendo esta fala pública, a ele e aos outros capitães, perante algumas pessoas notáveis que eram presentes, e para isso chamadas:

“Depois que aprouve a Nosso Senhor que eu recebesse o cetro desta real herança de Portugal, mediante a sua graça, assi por haver a benção de meus avós de quem a eu herdei, os quais com gloriosos feitos e vitórias que houveram de seus inimigos a tem acrescentado por ajuda de tão leais vassallos e cavaleiros como foram aqueles donde vós vindes, como por causa de agalardoar a natural lealdade e amor com que todos me servis, a mais principal cousa que trago na memória, depois do cuidado de vos reger e governa em paz e justiça, é como poderei acrescentar o patrimônio deste meu reino, para que mais liberalmente possa distribuir por cada um o galardão de seus serviços. E considerando eu por muitas vezes qual seria a mais proveitosa e honrada empresa e digna de maior gloria que podia tomar para conseguir esta minha tenção, pois, louvado Deus, destas partes da Europa em as de África a poder de ferro, temos lançado os mouros, e lá tomando os principais lugares dos portos do reino de Fez que é a nossa conquista, achou que nenhuma outra é mais conveniente a este meu reino (como algumas vezes convosco tenho consultado) que o descobrimento da Índia e daquelas terras orientais.Em as quais partes, pero que sejam mui remotas da igreja Romana, espero na piedade de vós que não somente a fé de nosso Senhor Jesus Cristo seu filho seja por nossa administração publicada e recebida, com que ganharemos galardão ante ele, fama e louvor acerca dos homens, mas ainda reinos e novos estados com muitas riquezas vindicada por armas das mãos dos bárbaros, dos quais meus avós com a ajuda, e serviço dos vossos e vosso, tem conquistado este meu reino de Portugal, e acrescentado à coroa dele.Porque, se da costa da Etiópia, que quase de caminho é descoberta, este meu reino tem adquirido novos títulos, novos proveitos e renda, que se pode esperar indo mais adiante com este descobrimento, se não podermos conseguir aquelas orientais riquezas tão celebradas dos antigos escritores, parte das quais por comércio tem feito tamanhas potências como são Veneza, Gênova, Florença e outras mui grandes comunidades de Itália. Assi que, consideradas todas estas cousas de que temos experiência, e também como era ingratição a Deus

enjeitar o que nos tão favoravelmente oferece, e injuria àqueles príncipes de louvada memória de quem eu herdei este descobrimento, e ofensa a vós outros que nisso fostes, descuidar-me eu dele por muito tempo; mandei armar quatro velas que (como sabeis) em Lisboa estão de todos prestes para servir esta viagem de boa esperança. E tendo eu na memória como Vasco da Gama, que está presente, em todas cousas que lhe de meu serviço foram entregues e encomendadas, deu boa conta de si, eu o tenho escolhido para esta ida como leal vassalo e esforçado cavaleiro, merecedor de tão honrada empresa. A qual espero que lhe Nosso Senhor deixe acabar, e nela a ele e a mim faça tais serviços com que o seu galardão fique por memória nele e naqueles que o ajudarem nos trabalhos desta viagem, porque, com esta confiança, pela experiência que tenho de todos, eu os escolhi por seus ajudadores para em todo o que tocar a meu serviço lhe obedecerem. E eu, Vasco da Gama, vo-los encomendo, e a eles a vós, e juntamente a todos a paz e concórdia: a qual é tão poderosa que vence e passa todos perigos e trabalhos e os maiores da vida faz leves de sofrer, quanto mais os deste caminho que espero em Deus serem menores que os passados, e que por vós este meu reino consiga o fruto deles."

Acabando el-rei de propor estas palavras, Vasco da Gama e todas as notáveis pessoas lhe beijaram a mão: assi pela mercê que fazia a ele como ao reino, em mandar a este descobrimento continuado por tantos anos que já era feito herança dele. Tornada a casa ao silêncio que tinha antes deste ato de gratificação, assentou-se Vasco da Gama em gijolhos ante el-rei, e foi trazida uma bandeira de seda com uma cruz no meio das da ordem da cavalaria de Cristo, de que el-rei era governador e perpétuo administrador, a qual, estendendo o escrivão da puridade entre os braços em modo de mensagem, disse Vasco da Gama em alta voz estas palavras:

"Eu Vasco da Gama, que ora por mandado de vós, mui alto e muito poderoso rei, meu senhor, vou descobrir os mares e terra do oriente da Índia, juro em o sinal desta cruz, em que ponho as mãos que por serviço de Deus e vosso, eu a ponha hasteada e não dobrada, ante a vista de mouros, gentios, e de todo gênero de povo onde eu for, e que por todos os perigos de água, fogo, e ferro, sempre a guarde e defenda até à morte. E assi juro que na execução e obra deste descobrimento que vós, meu rei e senhor, me mandais fazer, com toda fé, lealdade, vigia, e diligência eu vos sirva guardando e cumprindo vossos regimentos que para isso me forem dados, até tornar onde ora estou ante a presença de vossa real alteza, mediante a graça de Deus em cujo serviço me enviais".

Feita esta mensagem, foi-lhe entregue a mesma bandeira, e um rendimento em que se continha o que havia de fazer na viagem, e algumas cartas para os príncipes e reis a que propriamente era enviado, assi como ao Preste João das Índias, tão nomeado neste reino e a el-rei de Calecut, com as mais informações e avisos que el-rei dom João tinha havido daquelas partes segundo já dissemos. Recebidas as quais cousas el-rei o expediu; e ele se veio a Lisboa com outros capitães.

CAPÍTULO II

Como Vasco da Gama partiu de Lisboa, e do que passou até chegar ao padrão que Bartolomeu Dias pôs além do cabo de Boa Esperança

Chegado Vasco da Gama com os outros capitães a Lisboa na entrada de Julho do ano de mil quatrocentos e noventa e sete, tanto que os navios foram

prestes, recolheu sua gente para se partir, sem guardar a eleição dos meses de que ora usamos para ir tomar os ventos gerais que cursam naquelas partes, porque naquele tempo tão escura era a notícia da terra que ia buscar, como os ventos que serviam para boa navegação.

Mas parece que, como a manifestação deste novo mundo tantas centenas de anos encoberto, Deus a pôs neste termo, quando el-rei dom Manuel, houvesse a herança deste reino assi permitiu que sem a ordem dos meses naturais desta navegação, fosse a partida de Vasco da Gama pera poder partir, não esperava mais que navios prestes e um pouco de norte, que naqueles meses de Verão é geral nesta costa de Espanha, postos os navios em Rastelo, lugar de ancoragem antiga, um dia ante da sua partida foi ter vigília com os outros capitães a casa de Nossa Senhora da Vocação de Belém, situada neste lugar de Rastelo, a qual naquele tempo era uma ermida, que o infante D. Henrique mandou fundar, onde estavam alguns freires do convento de Tomar pera administrarem os sacramentos aos mareantes.

Ao seguinte dia, que era sábado, oito de Julho, por ser dedicado a Nossa Senhora.e a casa de muita romagem, assi por esta devoção como por se irem expedir dos que iam à armada, concorreu grande número de gente a ela.E, quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os freires da casa, com alguns sacerdotes que da cidade lá eram idos dizer missa, ordenaram uma devota procissão, com que o levaram ante si nesta ordem: ele e os seus, com círios nas mãos, e toda a gente da cidade ficava detrás, respondendo a uma ladainha que os sacerdotes diante iam cantando, até os porem junto dos batéis em que se haviam de recolher.Onde, feito silêncio e todos em giolhos, o vigário da casa fez em voz alta uma confissão geral, e no fim dela os absolveu, na forma das bulas que o infante D. Henrique tinha havido pera aqueles que neste descobrimento e conquista falecessem.

No qual auto foi tanta lágrima de todos, que neste dia tomou aquela praia posse das muitas que nela se derramam, na partida das armadas que cada ano vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir: donde com razão lhe podemos chamar praia de lágrimas pera os que vão, terra de prazer aos que vêm.E quando veio ao desfraldar das velas, que os mareantes, segundo seu uso, deram aquele alegre princípio de caminho, dizendo — "Boa viagem!" — todo os que estavam prontos na vista deles, com uma piedosa humanidade dobraram estas lágrimas e começaram de os encomendar a Deus e lançar juízos, segundo o que cada um sentia daquela partida.

Os navegadores, dado que com o fervor da obra e alvoroço daquela empresa embarcaram contentes, também, passado o termo do desferir das velas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-lhe que sua viagem estava posta em esperança e não em tempo nem lugar sabido, assi o acompanhavam em lágrimas como em pensamento das cousas que em tão novos casos se representam na memória dos homens.Assi que, uns olhando pera terra e outros pera o mar, e juntamente todos ocupados em lágrimas e pensamento daquela incerta viagem, tanto estiveram prontos nisso, até que os navios se alongaram do porto.

CAPÍTULO III

A primeira terra que Vasco da Gama tomou ante de chegar ao Cabo da Boa Esperança foi à baía que ora chamam de Santa Helena, havendo cinco meses que

era partido de Lisboa, onde saiu em terra por fazer aguada e assim tomar a altura do sol; porque, como do uso do astrolábio pera aquele mister da navegação havia pouco tempo que os mareantes deste reino se aproveitavam, e os navios eram pequenos, não confiava muito de a tomar dentro neles, por causa do seu arfar.

Pois estando Vasco da Gama com os pilotos prontos no tomar a altura do Sol per este modo, deram-lhe aviso que detrás de um teso viram dous negros, baixos à maneira de quem apanhe algumas ervas; e, como isto era o principal que ele desejava (achar quem lhe desse alguma razão da terra), com muito prazer mansamente mandou rodear os negros per uma encoberta, pera serem tomados; os quais, como andavam curvos e prontos em apanhar mel aos pés das moitas, com um tição de fogo na mão, nunca sentiram a gente que os rodeava senão quando remeteram a eles, dos quais tomaram um.

Vasco da Gama, porque não tinha língua que o entendesse, e ele, de assombrado daquela novidade, não acudia aos acenos que a natureza fez comum a todos os homens, mandou vir dous grumetes, um dos quais era negro, que se assentaram junto dele a comer e beber, apartando-se deles por o desassombrar. O qual modo aproveitou muito, porque os grumetes o provocaram a comer; com que, quando Vasco da Gama tornou a ele, já estava desassombrado e per acenos mostraram umas serras, que seriam dali duas léguas, dando a entender que ao pé delas estava a povoação da sua gente.

Vasco da Gama, porque não podia enviar melhor descobridor pera apelar os outros, com alguns brincos de cascavéis e contas de cristalino e um barrete, mandou que o soltassem, acenando-lhe que fosse e tornasse com seus companheiros pera lhe darem outro tanto. O que ele fez logo, trazendo aquela tarde dez ou doze, que vinham buscar o que ele levou, que também lhe foi dado; e quantas mostras de ouro, prata, especiarias lhe apresentaram, de nenhuma deram notícia.

Quando veio o outro dia, já com estes veio mais de quarenta, tão familiares, que pediu um homem de armas, chamado Fernão Veloso, a Vasco da Gama que o deixasse ir com eles verem a povoação que tinham, pera trazer alguma mais notícia da terra do que eles davam; o que lhe Vasco da Gama concedeu, quase a rogo de Paulo da Gama, seu irmão.

Partido Fernão Veloso com os negros, e Vasco da Gama recolhido ao seu navio, ficou Nicolau Coelho em terra a dar guarda à gente, enquanto apanhava lenha, e outros mariscavam lagostas por haver ali muitas.

E, sendo já sobre à tarde, querendo-se todos recolherem aos navios, vira vir Fernão Veloso por um teso abaixo, muito apressado. Vasco da Gama, como tinha os olhos em sua tornada, quando o viu com aquela pressa, mandou bradar ao batel de Nicolau Coelho, que vinha da terra, que tornasse a ela a o recolher. Os marinheiros do batel, porque Fernão Veloso nunca deixava de falar em valentias, quando o viram sobre a praia descer com passos a meio chouto, acinte detiveram-se em o recolher. A qual detenha deu suspeita aos negros, que estavam em cilada esperando a saída deles em terra, que o mesmo Fernão Veloso fizera algum sinal que não saíssem. E, em querendo entrar ao batel, remeteram dous negros a ele polo entreter, da qual ousadia saiu com os focinhos lavados em sangue, a que acudiram os outros; e foi tanta a pedrada sobre o batel, que quando Vasco da Gama chegou polos apaziguar, foi flechado por uma perna; e Gonçalo Álvares, mestre do navio S. Gabriel, e dous marinheiros, levaram cada um sua.

Vendo Vasco da Gama que com eles não havia meio de paz, mandaram remar pera os navios; e porém, à expedida, algumas besteiras dos nossos

empregaram neles seu armazém, por não ficarem sem castigo. E dia dous dias, com tempo feito, mandou Vasco da Gama dar à vela, sem levar alguma informação da terra, como desejava; Porque Fernão Veloso não viu cousa que contar, senão o perigo que ele dizia passar entre aqueles negros.

CAPÍTULO IV

Como depois que Vasco da Gama assentou paz com o Xequê de Moçambique, e ele lhe prometer piloto para o levar à Índia, se rompeu à paz, e do que sobre isso sucedeu

Partindo o mouro mui alegre das peças que levava mais que por ver o nosso naquelas partes, começaram eles festejarem a nova que deu, dando louvores a Deus pois já tinha visto gente que lhe falava na Índia, e sobre isso prometia piloto para os levar a ela.

Vasco da Gama pero que sem comparação alguma dava estes louvores a Deus, e mostrava maior prazer, assi polo haver nele como por animar a companhia dos trabalhos que tinham passado, todavia como quem resguardava as cousas com mais atenção, não ficou mui satisfeita dos modos e cautelas que sentiu no mouro falando com ele, porque entendeu não ficar tão contente como mostrou quando soube que eram Portugueses.

E sem saber que era do reino de Fez escola militar deles, do ferro dos quais podia ele ou cousa sua andar assinado, atribuiu que a tristeza que lhe viu seria por saber que eram Cristãos, e por não desconsolar a gente em tanto prazer como tinha, não quis comunicar isto, que entendeu nele, com pessoa alguma.

O mouro também, porque na diligência de sua tomada mostrasse que lhe tinha boa vontade, veio logo, dizendo quão contente o Xequê estava com as novas que lhe deu de quem eram e quanto estimava seu presente, trazendo em retomo algum fresco da terra. E assim lhe disse, da parte do Xequê tais palavras sobre a estância que tinha mui longe da povoação para se comunicarem de mais perto, que moveu Vasco da Gama a entrar dentro no porto.

E posto que nisso houve resguardo dos pilotos do lugar, quando foi à entrada, levando diante o navio de Nicolau Coelho, por ser menor, e ele a sonda na mão, deu em parte que lhe lançou o leme fora, e com tudo salvo a banco surgiu diante da povoação um pouco afastado dela. A qual estava assentada em um pedaço de terra torneado de água salgada com que fica em ilha, tudo terra baixa e alagadiça, donde se causa ser ela mui doentia, cujas casas eram palhaças, somente uma mesquita, e as do Xequê que eram de taipa com beirados por cima.

Os povoadores da qual eram mouros vindos de fora, os quais fizeram aquela povoação como escala da cidade Quíloa que estava diante, e da mina só fala que ficava atrás, porque a terra em si era de pouco trato, e os naturais que eram negros de cabelo revoltado como de Guiné, habitavam na terra firme. A qual povoação Moçambique daquele dia tomou tanta posse de nós, que em nome, é hoje a mais nomeada escala de todo o mundo, e por frequentação a maior que tem os Portugueses, e tanto, que poucas cidades há no reino que, de cinquenta anos a esta parte, enterrassem em si tanto defunto como ela tem dos nossos.

Cá depois que nesta viagem a Índia foi descoberta até ora, poucos anos passaram que à ida ou à vinda não invernassem ali as nossas naus, e alguns invernou quase toda uma armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia. Porque, como o sítio dela é um cotovelo à maneira de

cabo, que está em altura de catorze graus e meio, do qual convém que as naus que para aquelas partes navegam hajam vista para irem bem navegadas, quando os ventos lhe não servem para passar adiante à ida ou vinda, tomam aquele remédio de invernar ali, e desta necessidade e doutras (como adiante veremos na descrição de toda esta cousa,) procedeu eleger-se para escala de nossas naus, um lugar tão doentio e bárbaro, deixando na mesma costa outros mais celebres e nobres.

Vasco da Gama, depois que tomou o pouso diante desta povoação Moçambique, ao seguinte dia em companhia do mouro do recado que o veio visitar, mandou o escrivão do seu navio com algumas cousas ao Xeque. O qual presente obrou tanto depois que o ele recebeu que começaram logo de vir barcos aos navios a trazer mantimentos da terra, como gente que começava ter sabor no retorno que havia destas cousas. E por espaço de dez dias em que se detiveram esperando tempo, assentou Vasco da Gama paz com o Xeque, e em sinal dela meteu na ilha São Jorge o padrão deste nome que dissemos, e ao pé dele se pôs um altar onde se disse missa, e tomaram todos os sacramentos. Porque aqui fizeram o primeiro termo e de maior esperança do seu descobrimento para que convinha desporem-se com as confidências em estado, que suas preces fossem aceita a Deus, e mais. por ser tempo de quaresma em que a igreja obriga a isso.

Neste tempo entre alguns mouros que vinham vender aos navios mantimentos, vieram três anexins da terra do Preste João. Os quais posto que seguissem o erro dos mouros, como foram criados naquela maneira de religião e fé de Cristo que seus padres tinham, ainda que não conforme a igreja Romana, em vendo à imagem do anjo Gabriel, pintada em o navio do seu nome que era o de Vasco da Gama, como cousa nota a eles por em sua pátria haver muitas igrejas que em estas imagens dos anjos, e algumas do próprio nome, assentaram-se em giolhos e fizeram sua adoração. Quando o capitão soube deles serem de nação Abexim, cujo rei nestas partes era celebrado por Preste João das Índias, cousa a ele tão encomendada, começou de os inquirir por Fernão Martins, língua, os quais posto que entendiam o arábico, a muitas palavras não respondiam ao propósito, como que diferiam na língua, e doutras não davam razão, dizendo saírem de sua terra de tão pequena idade que não eram já lembrados. Os mouros como entenderam que o capitão folgava de falar com eles, pelo sinal que lhe viam da Cristandade, fizeram-se mui apressados para se tornar a terra, e quase por força levaram os abexins, e assim os esconderam que por muito que Vasco da Gama trabalhou por tornar a falar com eles, nunca mais os pôde haver.

Assim que por estes sinais e outras cautelas que usavam com ele, quis saber se tinha certo os pilotos que lhe prometeram, e mandou-os pedir ao Xeque. O qual, como tinha assentado o que esperava fazer, levemente lhe mandou dois mouros que acerca da navegação a seu modo praticaram bem, dos quais o capitão ficou contente e assentou com eles que por prêmio de seu trabalho havia de dar a cada um valia de trinta metecais douro peso da terra, que puderam ser até quatorze mil reais dos nossos, e mais uma marlota de grão. As quais cousas eles quiseram logo levar na mão, dizendo que não podiam doutra maneira partir, por quanto às haviam de deixar a suas mulheres para sua manutenção.

Vasco da Gama pero que se não fiava deles pelos sinais que já tinha visto, levemente o fez, assentando que quando um fosse em terra ficasse outro em o navio; pelo haver mister para a prática da navegação.

Passados dois dias que Vasco da Gama tinha feito este concerto com eles, acertou mandar a manhã seguinte dois batéis buscar lenha e água, que os negros da terra soíam a pôr na praia com prêmio que lhe davam, no recolher da qual, de

súbito saíram a eles sete zambucos cheios de gente armada a seu modo, e com uma grande grita começou de os flechar, de que houve seu retorno com bestas e espingardas que os nossos levavam por resguardo. Com o qual rompimento de paz ficou em tal estado que nunca mais apareceu barco e tudo se recolheu diante da vista dos nossos para detrás da ilha.

Vasco da Gama, temendo que por algum modo lhe impedissem seu caminho, havido conselho com os capitães e pilotos, uns domingo, onze de março, saiu dante a povoação e foi tomar o pouso na ilha de São Jorge, e, depois que ouviu uma missa, se fez à vela, caminho da Índia, levando consigo um dos pilotos, porque ao tempo do rompimento estava o outro em terra.

E parece que os trabalhos que ali haviam de passar ainda não se acabavam com sua partida, porque como ela foi mais por evitar outro maior desastre, quatro dias da sua partida acharam-se quatro ou cinco léguas a quem do cabo de Moçambique, pelas águas correrem tão tesas a ele que lhe abateram todo aquele caminho.

E vendo Vasco da Gama que lhe convinha esperar vento de mais força para romper esta das correntes, a qual mudança seria com a lua nova (segundo o mouro piloto lhe dizia) foi surgir à Ilha de São Jorge donde partira, sem querer ter comunicação com os de Moçambique.

Porém, porque a água se lhe ia gastando e havia já seis ou sete dias que era chegado, por conselho do mouro piloto que prometeu levar de noite a gente a lugar onde fizesse aguada, mandou com ele dois batéis armados a isso. E, ou que o mouro queria dar muitas voltas pela terra por onde os levou, porque nelas tivesse algum modo de escapular da mão de quem o levava, ou que verdadeiramente se embaraçou por ser de noite, entre um grande arvoredo de mangues, nunca pôde dar com os poços que ele dizia, com que obrigou a Vasco da Gama mandar de dia a isso dois batéis mui bem armados, que, a pesar dos negros que a vinham defender, tomaram água.

E porque nesta ida fugiu a nado o mouro piloto e um negro grumete, ao seguinte dia com mão armada foi demandar à povoação, onde os mouros em um grande escampado, que estava ante ela e a praia, lhe deram mostra de até dois mil homens, recolhendo-se logo detrás de um reparo de madeira entulhado de terra, que fez naqueles dias. Vasco da Gama, vendo seu mau propósito, mandou fazer sinal de paz como que queria estar à fala por saber o que tinha neles, e acudindo a isso o mouro dos recados, começou ele de se queixar do que lhe era feito e da pouca verdade que lhe trataram tomando por conclusão, que não queria proceder no mais que mereciam às tais obras, que lhe mandassem entregar um negro que lhe fugira, e mais os pilotos que tinha pagado para aquela navegação, e com isto ficaria satisfeito

O mouro sem outra palavra disse que ele tornaria logo com repostas, a qual foi que o Xequê estava muito mais escandalizado da sua gente, porque, querendo os seus folgar com ela em modo de festa, segundo uso da terra, ao tempo que iam buscar água, falaram com eles matando e ferindo alguns, e mais lhe meteram um zambuco no fundo com muita fazenda, das quais cousas lhe havia de fazer emenda. E quanto aos pilotos ele não sabia parte deles por serem homens estrangeiros. que se lhe alguma cousa deviam bem podia mandar a terra homens que os fossem buscar, que a ele bastava-lhe tê-los enviado, e isto em tempo que lhe parecia ser ele capitão e os seus gente segura e que falava verdade, mas ao presente o que tinha entendido, era serem homens vadios que andavam roubando os portos do mar.

No fim das quais palavras, sem mais esperar resposta, se recolheu para o Xeque, donde saiu uma grita, e trás ela começaram de chover setas: chegando-se aos batéis por fazerem melhor emprego, como quem ainda não tinha experimentado a fúria da nossa artilharia. A qual dos primeiros tiros que lhe Vasco da Gama mandou tirar, assim os castigou, que por detrás da ilha onde tinham os zambucos, se passou à terra firme. Na qual passagem rodeando um dos nossos batéis a ilha para lhe defender o passo, tomou um zambuco carregado de fato, e de quanta gente ia nele, somente houve à mão um mouro velho e dois negros da terra, porque toda a mais se salvou a nado. Desamparado o lugar por esta maneira, posto que Vasco da Gama lho pudera queimar, como sua tenção era assombrá-los para haver os pilotos e grumete que fugiu, não quis por aquela vez fazer mais dano que ficarem ante os pés do Xeque quatro ou cinco homens mortos de artilharia, que foi a causa de todos se porem em salvo.

Tornado aos navios fez logo por tormento perguntas ao mouro, do qual soube a causa daquela fugida, e o trato da terra, ouro de Çofala, especiaria da Índia, e que dali a Calecut segundo ouvira dizer seria caminho de um mês, e quatro aos poços para fazerem aguada, aqueles dois negros que eram naturais da terra podiam mui bem encaminhar a gente que lá houvesse de ir.

Sabidas estas cousas que foram para Vasco da Gama grande contentamento, por serem as mais certas que até então tinha sabido, antes que o Che que mandasse pôr guarda nos poços, mandou logo aquela noite os batéis apercebidos de todo o necessário, levando consigo este mouro para falar aos negros e eles para encaminhar a gente ao lugar dos poços, aonde chegaram com assaz trabalho por ser de noite, e por muito alagadiços, de maneira que quando tornaram era já alto dia.

CAPÍTULO V

Tornando Vasco da Gama a sua viagem, aos sete dias de Abril, bispara do Domingo de Ramos, chegaram ao porto de uma cidade chamada Mombaça, em a qual o mouro disse que havia cristãos abexis e da Índia, por causa de ser mui abastada de todas as mercadorias. A situação da qual cidade estava metida per um esteiro que torneava a terra, fazendo duas bocas, com que ficava em modo de ilha, tão encoberta aos nossos que não houveram vista dela senão quando ampararam com a garganta do porto.

Descoberta a cidade, como os seus edifícios eram de pedra e cal, com janelas e beirados à maneira de Espanha, e ela ficava em uma chapa que dava vista ao mar, estava tão formosa que houve os nossos que entravam em algum porto deste reino. E, posto que a vista dela namorasse a todos, não consentiu Vasco da Gama ao piloto que metesse os navios dentro, como ele quisera, por vir já suspeitando contra ele; e surgiu de fora.

Os da cidade, tanto que houveram vista dos navios, mandaram logo a eles em um barco quatro homens, que pareciam dos principais, segundo vinham bem tratados. Chegando a bordo, perguntaram que gente era e o que buscavam. Ao que Vasco da Gama mandou responder dizendo quem eram e o caminho que faziam e a necessidade que tinham de alguns mantimentos.

Os mouros, depois que mostraram em palavras o prazer que tinham e teria el-rei de Mombaça de sua chegada, e fazerem ofertas de todo o necessário pera sua viagem, expediu-se deles; os quais não tardaram muito com a resposta, dizendo que

eles foram notificar a el-rei quem era, de que recebeu muito prazer com sua vinda; e que, quanto às cousas que havia mister, de boa vontade lhas mandaria dar, e assi carga de especiaria, pola muita que tinha. Porém convinha, pera estas cousas lhe serem dadas, entrarem dentro no porto, como era costume das naus que ali chegavam, por ordenança da cidade, quando alguma coisa queria dela; e que os que o não faziam eram havidos por gente suspeitosa e de mau trato, como alguns que havia per aquela costa, aos quais muitas vezes os seus com mão armada vinham lançar dali, o que podiam também fazer a eles, não entrando pera dentro; que lhe mandava este aviso como a gente estrangeira, e que escolhessem: ou entrar no porto, pera lhe ser dado o que pediam, ou passarem avante.

Vasco da Gama, por segurar a suspeita que se dele podia ter, aceitou a entrada pera dentro ao seguinte dia; e pediu àqueles que traziam este recado que, quando fosse tempo, lhe mandassem algum piloto pera o meter dentro.

E, passados dous dias, por não dar má suspeita de si, quando veio ao terceiro, em que assentou sua entrada, vieram da cidade muitos barcos com gente vestida de festa e tangeres, mostrando que polo honrar vinham naquele auto de prazer, repartindo-se pelos navios. E, porque entre Vasco da Gama e os outros capitães estava assentado que não consentissem entrar em os navios mais que dez ou doze pessoas, cometendo eles esta entrada, foram à mão aos muitos, dizendo que pejavam a mareagem, que, depois, na cidade, tempo lhe ficava pera os verem.

No qual tempo, feito um sinal, mandou Vasco da Gama desferir a vela com grande prazer de todos: dos mouros, parecendo-lhe levar a presa que desejavam; e dos nossos, cuidando que em achar tão luzida gente, e as novas que lhe davam da Índia, tinham acabado o fim de seus trabalhos; estando eles àquela hora em perigo de perderem as vidas, segundo a tenção com que eram levados.

Mas Deus, em Cujo poder estava a guarda deles neste caminho tanto de Seu serviço, não permitiu que a vontade dos mouros fosse posta em obra, porque quase milagrosamente os livrou, descobrindo suas tenções per este modo. Não querendo o navio de Vasco da Gama fazer cabeça pera a vela tomar vento, começou de ir descaindo sobre um baixo; e, vendo ele o perigo, a grandes brados mandou soltar uma âncora. E como isto, segundo costume dos mareantes nos tais tempos, não se pode fazer sem per todo o navio correr de uma parte a outra aos aparelhos, tanto que os mouros que estavam per os outros navios viram esta revolta, parecendo-lhe que a traição que eles levavam no peito era descoberta, todos uns por cima dos outros se lançaram aos barcos. Os que estavam em o navio de Vasco da Gama, vendo o que estes faziam, fizeram outro tanto; até o piloto de Moçambique que se lançou dos castelos de popa ao mar, tamanho foi o temor em todos.

Quando Vasco da Gama e os outros capitães viram tão súbitos novidade, abriu-lhe Deus o juízo pera entenderem a causa dela; e, sem mais demora, assentaram logo de se partir ao longo daquela costa, por terem já sabido ser muito povoada, e que podiam achar por ela navios de mouros, de que houvesse algum piloto.

Os mouros, porque entenderam o que eles haviam de fazer, logo aquela noite veio a remo surdo pera cortar as amarras dos navios; mas não houve efeito sua maldade, por serem sentidos.

CAPÍTULO VI

Como Vasco da Gama chegou à vila de Melinde, onde assentou paz com o rei dela e pôs um padrão; e havido piloto se partiu para a Índia aonde chegou.

Seguindo Vasco da Gama seu caminho com esta presa de mouros, ao outro dia, que era de páscoa da Ressurreição, indo com todos os navios embandeirados e a companhia deles com grandes folias por solenidades da festa, chegou a Melinde. Aonde logo por um degredado, em companhia de um dos mouros, mandou dizer a el-rei quem era e o caminho: que fazia e a necessidade que tinha de piloto e que esta fora a causa de tomar aqueles homens, pedindo que lhe mandasse dar um.

El-rei, havido este recado, posto que ao nome Cristão tivesse aquele natural ódio que lhe tem todos os mouros, como era homem bem inclinado e sisudo, sabendo por este mouro o modo de como os nossos se houveram com eles, e que lhe pareciam homens de grande ânimo no feito da guerra, e na conversação brandos e caridosos, segundo o bom tratamento que lhe fizeram depois de os tomarem, não querendo perder amizade de tal gente com más obras, como perderam os outros príncipes por cujos portos passaram, assentou de levar outro modo com eles em quanto não visse sinal contrário do que lhe este mouro contava. E logo por ele e pelo degredado mandou dois homens ao capitão, mostrando em palavras o contentamento que tinha de sua vinda, que descansasse porque pilotos e amizade tudo acharia naquele seu porto, e que em sinal de seguridade lhe mandava aquele anel de ouro, e lhe pedia houvesse por bem de sair em terra para se ver com ele.

Ao que Vasco da Gama respondeu conforme a vontade de el-rei, pero quanto ao sair em terra a se ver com ele, ao presente não o podia fazer, por el-rei seu senhor lho defender, até levar seu recado a el-rei de Calecut e a outros príncipes da Índia. Que para eles ambos assentarem paz e amizade, por ser a cousa que lhe el-rei seu senhor mais encomendava, nenhum outro modo lhe parecia melhor por não sair do seu regimento, que ir ele em seus batéis até junto da praia e sua real senhoria meterem-se naqueles zambucos com que ambos se poderiam ver no mar porque, para ele ganhar por amigo tão poderoso príncipe como era el-rei de Portugal cujo capitão ele era, maiores cousas devia fazer.

Expedidos estes dois mouros contentes do que lhe Vasco da Gama disse e deu, com algumas peças que também levaram para el-rei, assim aproveitou ante ele o recado e presente, que concedeu nas vistas da maneira que Vasco da Gama pedia.

A qual facilidade os nossos atribuíram mais à obra de Deus que a outra cousa, porque, segundo achavam os mouros daquelas partes ciosos de suas terras, não podiam dar outra causa, pois um rei sem ter deles mais notícia que a que lhe dera o mouro, e sem alguma necessidade se vinha meter no mar tão confiadamente. E, praticando todos sobre este caso e do modo que feriam nestas vistas, assentou Vasco da Gama que seu irmão e Nicolau Coelho ficassem em os navios a bom recado, e tanto a pique que pudessem acudir a qualquer necessidade, e ele com todos os batéis e a mais limpa gente da frota vestidos de festa por fora e armas secretas, com grande aparato de bandeiras, e toldo no batel, fosse ao lugar das vistas. A qual ordem se teve quando veio ao dia delas, partindo Vasco da Gama dos navios com grande estrondo de trombetas, o que tudo respondia com as vozes de gente animando-se uns aos outros em prazer daquela festa, porque como era na terceira oitava da Páscoa, tempo em que eles cá no reino eram costumados a festas e prazer, parecia-lhes que estavam entre os seus.

Vasco da Gama, indo assim neste auto, a meio caminho mandou suspender o remo, por el-rei não ser ainda recolhido ao seu zambuco, o qual vinha ao longo da praia metido em um esperável de seda com as cortinas da parte do mar alevantadas, e ele lançadas em um andor sobre os ombros de quatro homens, cercado de muita gente nobre, e a do povo diante e detrás bem afastada para darem vista aos nossos, todos com grande aparato de festa e tangeres a seu modo.

Entrado el-rei no zambuco com algumas pessoas principais e menestréis que tangiam, toda a mais gente que pôde se embarcou por outros barcos cercado el-rei por todas as partes, somente deixaram uma aberta, que tinha a vista para os nossos, em modo de cortesia. E o primeiro sinal de paz que lhe Vasco da Gama mandou fazer, calando-se os instrumentos de festa, foi mandar tirar os da guerra que eram alguns berços espingardas, e no fim deles uma grande grita, ao que responderam os nossos navios com outra tal obra até tirarem as câmaras da artilharia. A qual trovoada, como era cousa nova nas orelhas daquela gente, foi para eles tão grande espanto que houve entre todos rumor de se colher a terra. Pero, sentindo Vasco da Gama a torvação deles, mandou fazer sinal com que cessou aquele tom que os assombrava, e de si chegou-se ao zambuco de el-rei, o qual o recebeu como homem em cujo peito não havia má tenção, e em toda a pratica que ambos tiveram, que durou um bom pedaço, tudo foi com tanta segurança de ambas as partes como se entre eles houvera conhecimento de mais dias.

E desta prática e modo que Vasco da Gama teve com el-rei, ficou ele tão seguro contente de sua amizade, que logo quis ir ver os nossos navios rodeando a todos, e por honra de sua ida lhe mandou Vasco da Gama entregar todos os mouros que tomou no zambuco, o qual guardou para lhe dar naquele dia das vistas. O que el-rei muito estimou, e muito mais lhe dizer Vasco da Gama como el-rei seu senhor tinha tanta artilharia e tantas maiores naus que aquelas, que poderiam cobrir os mares da Índia, com as quais o poderia ajudar contra seus inimigos, porque fazia el-rei conta que a pouco custo por aquela via tinha ganhado um rei poderoso para suas necessidades. Expedido Vasco da Gama dele depois que o deixou desembarcado tornou-se aos navios, e os dias que ali esteve, sempre foi visitado dele com muitos refrescos, que deu causa a ser também visitado de uns mouros que ali estavam do reino de Cambaia, em as naus que lhe tinham dito os mouros que tomou no zambuco.

Entre os quais vieram certos homens a que chamam Baneanes do mesmo gentio do reino de Cambaia, gente tão religiosa na seita de Pitágoras, que até a imundícia, que criam em si, não mata, nem comem cousa viva, dos quais copiosamente tratamos em a nossa "Geografia". Estes, entrando em o navio de Vasco da Gama, e vendo na sua câmara uma imagem de Nossa Senhora em um retábulo de pincel, e que os nossos lhe faziam reverência, fizeram eles adoração com muito maior acatamento, e, como gente que se deleitava na vista daquela imagem, logo ao outro dia tomaram a ela, oferecendo-lhe cravo, pimenta, e outras mostras de especiaria das que vieram ali vender. E se foram contentes dos nossos pelo gasalhado que receberam e maneira de sua adoração, também eles ficaram satisfeitos do seu modo, parecendo-lhe ser aquela gente mostra de alguma Cristandade, que haveria na Índia do tempo de São Tomé, entre os quais vinha um mouro Guzarate de nação chamada Malemo Caná; o qual, assim pelo contentamento que teve da conversação dos nossos, como por comprazer a el-rei que buscava piloto para lhe dar, aceitou querer ir com eles.

Do saber do qual, Vasco da Gama depois que praticou com ele ficou muito contente, principalmente quando lhe mostrou uma carta de toda a costa da Índia

arrumada ao modo dos mouros, que era em meridianos e paralelos mui miúdos sem outro rumo dos ventos. Porque, como o quadrado daqueles meridianos e paralelos era mui pequeno, ficava a costa por aqueles dois rumos de norte sul e leste oeste mui certa, sem ter aquela multiplicação de ventos, de agulha comum da nossa carta, que serve de raiz das outras. E amostrando-lhe Vasco da Gama o grande astrolábio de pau que levava, e outros de metal com que tomava a altura do sol, não se espantou o mouro disso; dizendo que alguns pilotos do Mar Roxo usavam de instrumentos de latão de figura triangular e quadrantes com que tomavam a altura do Sol, e principalmente da estrela de que se mais serviam. em a navegação. Mas que ele e os mareantes de Cambaia e de toda a Índia, pero que a sua navegação era por certas estrelas assim do norte como do sul, e outras notáveis que cursavam por meio do céu de oriente a poente, não tomavam à sua distância por instrumentos semelháveis àqueles mas por outro de que se ele servia, o qual instrumento lhe trouxe logo amostrar, que era de três tábuas.

E porque da figura e uso delas tratamos em a nossa "Geografia" em o capítulo dos instrumentos da navegação, baste aqui saber que servem a eles naquela operação que ora acerca de nós serve o instrumento a que os mareantes chamam balhestilha, de que também no capítulo que dissemos se dará razão dele é dos seus inventores.

Vasco da Gama, com esta e outras práticas que por vezes teve este piloto, parecia-lhe ter nele um grão tesouro, e por o não perder, o mais em breve que pôde depois que meteu, por consentimento de el-rei, um padrão por nome Espírito Santo na povoação dizendo ser em testemunho da paz e amizade que com ele assentara se fez à vela caminho da Índia, a vinte quatro dias de Abril.

E atravessando aquele grande golfão de setecentas léguas que há de uma à outra costa, por espaço de vinte dois dias sem achar cousa que o impedisse, a primeira terra que tomou foi abaixo da cidade Calecut, obra de duas léguas, e daqui por pescadores da terra, que logo acudiram aos navios, foi levado a ela.

A qual, como era o termo de sua navegação, e na instrução que levava nenhuma outra cousa lhe era mais encomendada, e para o rei de ela nomeadamente levava cartas e embaixada, como ao mais poderoso príncipe daquelas partes e senhor de todas as especiarias, segundo a notícia que naquele tempo neste reino de Portugal tínhamos dele, pareceu aos nossos vendo-se diante dela que tinham acabado o fim de seus trabalhos.

E posto que, adiante particularmente descrevemos o sítio desta cidade Calecut e da região Malabar em que ela está, a qual região é uma parte da província da Índia, aqui, por ser a primeira entrada em que os nossos tomaram posse deste descobrimento por tantos anos continuado e requerido, faremos uma universal relação da província da Índia para melhor entendimento desta chegada de Vasco da Gama.

CAPÍTULO VII

Em que se descreve o sítio da terra a que propriamente chamamos Índia dentro do Gange; na qual só contém a província chamada Malabar, um dos reinos da qual é o em que está a cidade Calecut, onde Vasco da Gama aportou.

A região a que os geógrafos propriamente chamam Índia, é a terra que jaz entre os dois ilustres e celebrados rios Indo e Gange, do qual Indo ela tomou o nome, e, o povo do antiqüíssimo reino Deliu, cabeça por sítio e poder de toda esta

região, e assim a gente Pársea a ela vezinha, ao presente por nome próprio lhe chamam Indostão. E segundo a delineação da tábua que Ptolomeu faz dela, e mais verdadeiramente pela notícia que ora com o nosso descobrimento temos, por excelência bem lhe podemos chamar grão Mesopotâmia. Porque, se os gregos deram este nome que quer dizer "entre os rios" àquela pequena parte da região Babilônica que abraçam os dois rios Eufrates e Tigres; assim pela situação desta entre as correntes dos notáveis Indo e Gange, que descarregam e vazam suas águas em o grande oceano oriental, por fazermos diferença dela mais notável do que se faz em dizer Índia dentro do Gange, e Índia além do Gange, bem lhe podemos chamar a grão Mesopotâmia, ou Indostão, que é o próprio nome que lhe dão os povos que a habitam e vizinham, por nos conformarmos com eles.

A qual região, as correntes destes dois rios por uma parte, e o grande Oceano Índico por outra, a cercam de maneira, que quase fica uma chersoneso entre terras de figura de lisonja, a que os geômetras chamam rombos, que é de iguais lados e não de angulos retos: Cujos ângulos opostos em maior distância, jazem norte sul, o ângulo desta parte do sul, faz o cabo Comori, e o da parte do norte, as fontes dos mesmos rios. As quais, pero que sobre a terra arrebentem distintas em os montes a que Ptolomeu chama Imão, e os habitantes deles Dalanguer e Nangracot, são estes tão conjuntos uns aos outros, que quase querem esconder as fontes destes dois rios. E, segundo fama do gentil comarcão, parece que ambos nascem de uma veia comum, donde nasceu a fábula dos dois irmãos que andam entre eles, a qual recitamos em a nossa "Geografia". A distancia destas fontes ao cabo Comori a elas oposto, será pouco mais ou menos por linha direta, quatrocentas léguas, e, os outros dois ângulos, que por contrária linha jazem de levante a poente por distância de trezentos léguas, fazem as bocas dos mesmos rios Indo e Gange, ambos mui soberbos com as águas do grande número dos outros que se neles meterem. E quase tanta é a parte da terra que eles abraçam, quanta a que por os outros dois lados cerca o mar oceano, que ambos se ajuntam no cabo Comori a fazer aquele agudo canto que ele tem, com que fica a figura da lisonja que dissemos.

E posto que toda esta província Indostão seja povoada de dois gêneros de povo em crença, um idolatra e outro mahometa, é mui vária em ritos e costumes, e todos entre si a têm repartida em muitos reinos e estados, assim como em os reinos do Moltan, Deli, Cospetir, Bengala em parte, Orixá, Mando, Chitor, Guzarate a que comumente chamamos Cambaia.

É no reino Dacam, dividido em muitos senhorios, que tem estado de reis com o de Pale que jaz entre um e outro.

E no grande reino Bisnagá, que tem debaixo de si alguns régulos com toda a província do Malabar, repartida entre muitos reis e príncipes de mui pequenos estados, em comparação dos outros maiores que calamos, parte dos quais foram isentos e outros súbditos destes nomeados.

E segundo estes povos entre si são belicosos e de pouca fé, já toda esta grande região fora súbdita ao mais poderoso, se a natureza não atalhara à cobiça dos homens com grandes e notáveis rios, montes, lagos, matas e desertos, habitação de muitas e diversas alimárias que impedem passar de um reino a outro. Principalmente alguns notáveis rios, parte dos quais não entrando na madre do Indo e Gange, mas regando as terras que estes dois abraçam com muitas voltas, vem sair ao grande oceano, e assim muitos esteiros de água salgada tão penetrante a terra, que retalham a marítima de maneira que se navegam por dentro.

E a mais notável divisão que a natureza pôs nesta terra, é uma corda de montes a que os naturais por nome comum, por o não terem próprio, chamam Gate, que quer dizer serra, os quais montes tendo seu nascimento na parte do norte, vêm carregado contra o sul assim como a costa do mar vai a vista dele, deixando entre as suas praias e o sertão da terra uma faixa dela chã e alagadiça, retalhada de água em modo de lezírias em algumas partes, até irem fenecer no cabo Comori, o qual curso de montes se estende perto de duzentas léguas. Pero, começando no rio chamado Carnaté, vizinho ao cabo e monte de Li, mui notável aos navegantes daquela costa em altura de doze graus e meio da parte do norte, entre uma faixa de terra que jaz entre este Gate e o mar, de largura de dez até seis léguas, segundo as enseadas e cotovelos se encolhem ou bojam, a qual faixa de terra se chama Malabar que terá de comprimento obra de oitenta léguas, onde está situada a cidade Calecut.

Neste tempo que Vasco da Gama chegou a ela, posto que geralmente toda esta terra Malabar fosse habitada de gentios, nos portos do mar viviam alguns mouros, mais por razão da mercadoria e trato que por ter algum estado na terra, porque todos os reis e príncipes dela eram do gênero gentio e da linhagem dos Bramanes, gente a mais douta e religiosa em seu modo de crença de todas aquelas partes.

E o mais poderoso príncipe daquele Malabar era el-rei de Calecut, o qual por excelência se chamava Çamorim que acerca deles é como entre nós o título imperador. Cujas metrópole de seu estado, da qual o reino tomou o nome, é a cidade Calecut, situada em uma costa brava não com grandes e altos edifícios, somente tinha algumas casas nobres de mercadores, mauros da terra, e doutros do Cairo e Meca ali residentes, por causa do trato da especiaria, onde recolhiam sua fazenda com temor do fogo, toda a mais povoação era de madeira coberta de um gênero de folha de palma a que eles chamam ola.

E como nesta cidade havia grande concurso de várias nações, e o gentio dela mui supersticioso em se tocar com gente fora de seu sangue, principalmente os que se chamavam Bramanes e Naires, destes dois gêneros de gente sendo a mais nobre da terra viviam nela mui poucos, toda a outra povoação era de mouros e gentio mecânico. Pela qual causa também el-rei estava fora da cidade em uns paços, que seriam dela quase meia légua, entre palmares, e a gente nobre aposentada por derredor, ao modo que cá temos as quintãs.

E porque (segundo dissemos) adiante particularmente escrevemos as cousas deste reino Calecut, não procedemos aqui mais na relação delas.

CAPÍTULO VIII

Vindo o recado do Samori que fosse, saiu Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeu um homem nobre, a que eles chamam Catual acompanhado de duzentos homens a pé, deles para levarem o fato dos nossos, e deles que serviam de espada e adaga, como guarda de sua pessoa, e outros de o trazerem aos ombros em um andor, um dos quais andores foi também apresentado a Vasco da Gama para ir nele.

Posto o Catual e ele em caminho para Calecut, chegaram a um templo junto de uma povoação, onde estava aposentado outro Catual, pessoa mais notável, que vinha por mandado do Samori receber Vasco da Gama. O qual, quando saiu a ele, era muita gente de guerra, todos adargados a seu modo. Chegando o Catual a Vasco

da Gama, depois que, segundo seu uso, o recebeu com muita cortesia, mandou-lhe dar outro andor que trazia adestro, melhor concertado que aquele em que vinha; e sem fazer mais detença, seguiram seu caminho aos paços del-rei, onde Vasco da Gama esperou pelos seus, que não podiam aturar o curso daqueles que levavam o andor; e os maiores danos que recebiam era do grande povo, que quase os levava afogados, polos ver. E ainda sobr'isso, à entrada de um grande terreiro cercado, era tanta pressa por entrarem na volta deles, que viu o negócio às punhadas, e d'i ao ferro, em que houve feridos e um morto, primeiro que os oficiais del-rei apagassem o arruído; e porém sempre tiveram tanto resguardo em as pessoas dos nossos, que em toda a revolta não lhe foi feito algum desacatamento.

Passado aquele terreiro, entrou em um pátio de alpendres, onde acharam Vasco da Gama e o Catual com alguma gente mais limpa esperando por eles; e, sem tomar algum repouso daquela afronta em que vinham, entraram todos em uma grã casa térrea, em que estava aquele grande Samori da província Malabar, per eles tão desejada de ver. De junto do qual se levantou um homem de grande idade, que era o seu brâmane maior, vestido de umas vestiduras brancas, representando nelas, e em sua idade e continência, ser homem religioso. E, chegando ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão e o foi apresentar ao Samori, o qual estava no cabo da casa, lançado em uma caminha coberta de panos de seda, posto em um leito a que eles chamam cátel, e ele vestido com um pano d'algodão brunido com algumas rosas de ouro batido semeadas per ele, e na cabeça uma carapuça de brocado alta, à maneira de mitra cerrada, cheia de pedras e pedrarias, e per os braços e pernas, que estavam descobertos, tinham braceletes de ouro, pedraria. E a uma ilharga deste leito, em que jazia com a cabeça posta sobre uma almofada de seda rasa com labores de ouro e maneira de brochado, estava um homem que parecia em traje e officio dos mais principais da terra, o qual tinha na mão um prato d'ouro com folhas de bitole, que eles usam remoer por lhe confortar o estômago.

O Samori, posto que no ar do rosto recebeu Vasco da Gama com graça, tinha tamanha majestade, e assi estava grave naquele seu cátel, que não fez mais movimento par'ele, quando lhe falou, que levantar a cabeça da almofada; e desacenou ao brâmane que o fizesse assentar em uns degraus do estrado em que tinha o cátel, e aos de sua companhia em outra parte um pedaço afastado, por ver que havia mister algum repouso, segundo vinham afrontados do caminho. E depois que per um espaço grande esteve notando as pessoas, trajos e autos deles, e praticando em palavras gerais com Vasco da Gama, recebidas dele duas cartas que lhe mandava el-rei D. Manuel, uma escrita em arábico e outra em língua português, que era da mesma substância, disse-lhe que ele as veria, e depois mais de vagar ouviria a ele; que por então se fosse a repousar. Que quanto ao seu gasalhado, visse com quem queria que fosse — se com mouros, ou com os naturais da terra, — pois ali não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido.

Ao que Vasco da Gama respondeu que entre os mouros e cristãos havia diferença acerca da lei que tinham, e outras paixões particulares; e que com os seus vassallos, por ele e os da sua companhia não saberem seus costumes, e temiam de os poder enojar, pedia a sua real senhoria que os mandasse aposentar sem companhia alguma. O que aprouve ao Samori, mandando ao Catual que o contentasse; e louvou Vasco da Gama de homem prudente e cauteloso nas cousas da paz, segundo o mouro Monçaide lhe viu contando pelo caminho, até chegarem à cidade Calecut já bem noite.

FIM